

Centros de Recuperação de Animais Selvagens



Relatório de Actividades 2008

Um projecto



Com o apoio

CONTINENTE



Ficha Técnica:

Redacção: Samuel Infante

Equipa: Dário Cardador, José Bernardo, Madalena Martins, Samuel Infante

Equipa veterinária: Pedro Melo, Sandra Loureiro, Ana Barreira e Hugo Lopes

Edição: QUERCUS A.N.C.N.

Castelo Branco – Março 2008

Créditos Fotográficos: Samuel Infante, Dário Cardador, Arquivo Quercus

QUERCUS – A.N.C.N.

Centro Associativo do Calhau, Bairro do Calhau,

1500-045 Lisboa

Tel: 217788474 // Fax: 217787749

quercus@quercus.pt

www.quercus.pt

Agradecimentos

Este relatório reflecte o trabalho, dedicação e entusiasmo de várias dezenas de voluntários, sem o esforço dos quais seria impossível continuar este projecto.

Deixamos também uma palavra de apreço a todos aqueles que colaboraram connosco através do apadrinhamento de animais e às empresas e entidades cujo apoio foi fundamental para o bom funcionamento dos Centros.

A todos os que contribuíram para este projecto, um grande bem-haja.

Resumo

A QUERCUS A.N.C.N. tem actualmente três centros de recuperação de fauna selvagem, que têm como principal objectivo recuperar animais selvagens debilitados e devolvê-los ao meio natural. Paralelamente desenvolvem-se outras actividades, como acções de formação e de educação ambiental e estudos nas áreas de biologia e veterinária.

Em 2008 os três centros de recuperação receberam no total 256 animais. A maior afluência de animais deu-se nos meses de Junho, Julho e Agosto. O SEPNA e o pessoal afecto aos centros foram as entidades que entregaram o maior número de animais, destacando-se ainda o elevado número de animais entregue por particulares.

As aves constituíram a maior percentagem dos animais ingressados (93%), das quais se destacaram as rapinas diurnas (36%), as cegonhas e garças (16%) e as rapinas nocturnas (26%). Das espécies ingressadas, 8% estão classificadas em perigo no livro vermelho dos vertebrados. As principais causas de entrada foram o cativeiro ilegal, colisão com infra-estruturas, debilidade e tiro. A maioria dos animais ingressados era proveniente dos distritos de Castelo Branco, Setúbal, Beja e Lisboa.

Em 2008 verificou-se uma taxa média de libertação de 46%. Foram desenvolvidas diversas acções de educação ambiental, que envolveram quatrocentas e noventa (490) participantes. Os CENTROS colaboraram ainda com diversos projectos de investigação, sobretudo relacionados com a conservação da Natureza.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
1. INTRODUÇÃO	6
2. INSTALAÇÕES	6
3. RECURSOS HUMANOS.....	9
4. ÁREAS DE ACÇÃO	9
4.1. RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS.....	10
4.1.1. NÚMERO DE ENTRADAS.....	12
4.1.2. ENTIDADES QUE ENTREGARAM ANIMAIS	13
4.1.3. ESPÉCIES ENTRADAS.....	14
4.1.4. CAUSAS DE ENTRADA	18
4.1.5. RESULTADOS DA RECUPERAÇÃO.....	20
5. EDUCAÇÃO AMBIENTAL	22
6. INVESTIGAÇÃO.....	22
7. BIBLIOGRAFIA.....	24

1. Introdução

O presente relatório visa avaliar de forma resumida as actividades desenvolvidas em 2008 pelos três centros de recuperação de fauna geridos pela Quercus A.N.C.N., nomeadamente o Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco (CERAS), o Centro de Recuperação de Animais Selvagens de Montejunto (CRAS) e o Centro de Recuperação de Animais Selvagens de Santo André (CRASSA).

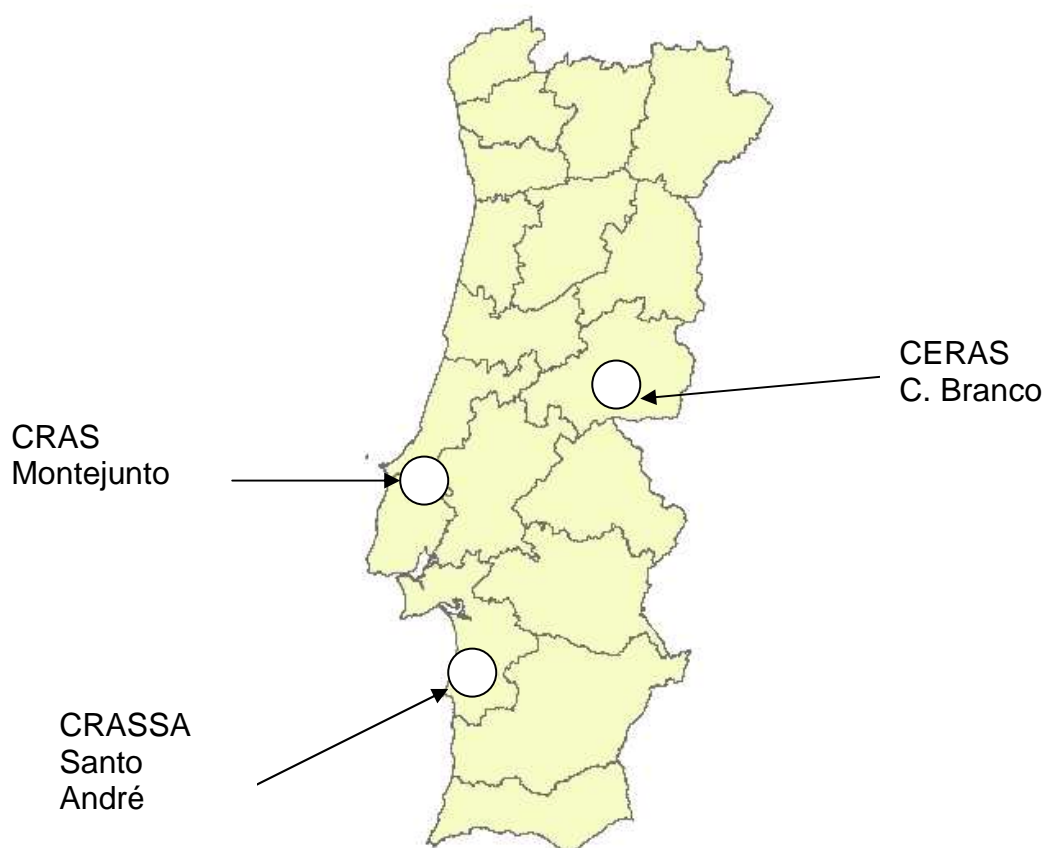


Fig. 1 - Localização dos centros

2. Instalações

As instalações dos centros estão maioritariamente direccionadas para aves, dado que este é o grupo faunístico com mais registos de entrada nos centros de recuperação. Actualmente as principais infra-estruturas são:

- Enfermaria - sala para avaliação e tratamento veterinário dos animais. Está equipada com diversos materiais e equipamentos e possui ainda outros materiais de apoio, como material de contenção, de manuseamento, de anilhagem e de recolha de amostras;
- Quarentena - sala com aquecimento, e controlo de luminosidade onde podem ser contidos animais em caixas de diversos tamanhos. Aqui são colocados animais que necessitam de isolamento ou restrição de movimentos, para tratamento ou observação;
- Câmaras de recuperação - pequenos compartimentos exteriores, construídos em cimento. Estas instalações permitem vigiar os animais, mantendo-os em situação de repouso. Destinam-se a animais que não necessitam de aquecimento, nem de tratamentos continuados e que já se alimentam sozinhos. Por vezes também são utilizados como quarentena para animais de grande porte, como os grifos. São as únicas instalações com capacidade para conter mamíferos;
- Câmaras de muda - compartimentos exteriores de média dimensão, revestidos a rede. Destinam-se a animais que não estejam imobilizados, que não necessitem de tratamentos e que se alimentem autonomamente, permitindo-lhes uma maior estimulação que as câmaras de recuperação e, em alguns casos iniciar o treino do voo;
- Túneis de voo - Instalações exteriores de grande dimensão, revestidas a rede. Destinados aos animais em fase final de recuperação, permite exercitar o voo e a caça em condições semelhantes às que encontram na Natureza;

- biotério - compartimento destinado à produção de alimentação viva para os animais em recuperação. A possibilidade de fornecer alimento vivo é muito importante na fase de pré-libertação, pois permite avaliar a capacidade de caça dos animais e, ao fornecer uma alimentação mais parecida com a existente na Natureza, melhoram-se simultaneamente as hipóteses de sobrevivência dos indivíduos;
- Arrecadação - divisão onde se encontram armazenados diversos materiais de manutenção e construção.



Fig. 2- Câmaras de recuperação (CERAS)



Fig. 3- Espaço de readaptação de lontras (CRASSA)

Em 2008 foram feitas obras no CRASSA para criação de um novo espaço para a readaptação à vida selvagem de lontras (*Lutra lutra*) que se encontram em cativeiro. Neste espaço, as lontras serão inseridas num ambiente semi-natural fechado e acompanhadas até estarem preparadas para sobreviver em liberdade. O projecto “Lontras em Liberdade” prevê conciliar a recuperação das lontras com a oportunidade de dar a conhecer a fauna selvagem portuguesa e alguns dos seus habitats.

3. Recursos humanos

Dada a escassez de recursos e as exigências particulares do trabalho desenvolvido nos centros de recuperação, o voluntariado tem-se assumido como um dos princípios pilares para o seu bom funcionamento. As funções atribuídas a cada voluntário dependem da sua disponibilidade, interesse e formação. Além dos voluntários, os centros da Quercus possuem equipas de técnicos especializados em diversas áreas, Veterinária, Biologia, entre outras.



Fig. 4 - Tratamento de um milhafre na enfermaria do CERAS.

4. Áreas de acção

Para além da recuperação de animais selvagens, em 2008 os centros continuaram a desenvolver actividades nas áreas de educação ambiental, formação e investigação. Outra parte muito importante do trabalho desenvolvido prendeu-se com a manutenção e melhoramento das estruturas.

4.1. Recuperação de animais

O principal objectivo dos centros de recuperação consiste em recuperar animais selvagens, garantindo que são devolvidos à Natureza em condições que lhes permitam sobreviver. Este processo passa por diferentes fases, mas deverá ser o mais breve possível, para assegurar a capacidade de sobrevivência dos espécimes.



Fig. 5 - Bufo Real com asa lesionada à chegada ao centro

Quando um animal chega ao centro é-lhe atribuído um número de identificação e cria-se uma ficha de entrada, onde é registada toda a informação relativa a esse indivíduo e ao seu processo de recuperação. De seguida o animal é sujeito a uma avaliação e são-lhe prestados os primeiros socorros.

Posteriormente define-se um tratamento, que deve atender à espécie, idade e estado fisiológico do indivíduo e adequar-se à sua resposta ao tratamento, pelo que este deve ser mantido sobre vigilância. Genericamente os tratamentos consistem na administração de fármacos e no controlo da estimulação, mobilidade e alimentação.



Fig. 6 - Radiografia de um abutre negro, ingressado por tiro, onde são visíveis estilhaços de chumbo .

O processo de recuperação pode culminar em morte, transferência ou libertação. Em caso de morte os indivíduos são sujeitos a necrópsia, para esclarecer a causa de morte, excepto em alguns casos de eutanásia. A transferência pode ocorrer quando um animal fisiologicamente estável é considerado irrecuperável ou quando exija tratamentos que não possam ser efectuados nos centros, como intervenções cirúrgicas.

A libertação de um animal só ocorre quando se considera que este atingiu um grau de recuperação que permita a sua sobrevivência na Natureza, nomeadamente quando este estiver fisiologicamente estável e for capaz de se deslocar, alimentar e comportar satisfatoriamente. Antes de serem libertadas as aves são marcadas por meio de anilhas metálicas, para poderem ser identificadas em caso de recaptura. Por vezes também são colocadas anilhas de cor, e emissores de rádio tracking, que permitem identificar e monitorizar o animal à distância. O local de libertação é escolhido para maximizar as hipóteses de sobrevivência do indivíduo.



Fig. 7 - Libertação de abutre negro, onde é visível a marcação da ave com anilha de cor.

De seguida analisam-se alguns dos dados relativos aos animais ingressados nos CENTROS em 2008.

4.1.1. Número de entradas

Em 2008 deram entrada 256 animais, nos três centros (Fig. 8), dos quais 115 no CERAS, 115 no CRASSA e 26 no CRAS de Montejunto. Este valor baixo de ingressos em Montejunto está relacionado com a abertura recente deste centro e o encaminhamento de animais recolhidos na zona para outros centros.

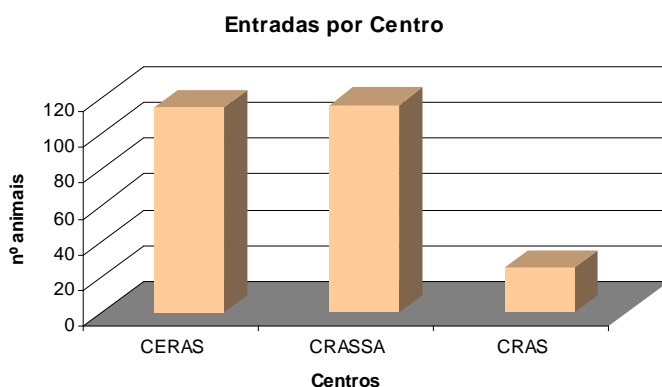


Fig. 8 - Entradas de animais por centro em 2008.

4.1.2. Entidades que entregaram animais

A grande maioria dos animais que dá entrada nos CRAS é entregue pelo Serviço de Protecção da Natureza e Ambiente da Guarda Nacional Republicana (SEPNA) com 47%, seguido pelos particulares com 34% dos ingressos. Em 2008 os centros também procederam a recolha de fauna representado 12%. O ICNB reduziu a percentagem de animais entregues, para apenas 4% do total de ingressos, devido ao cancelamento dos protocolos com as ONGAS e envio de animais para centros estatais (Fig. 9).

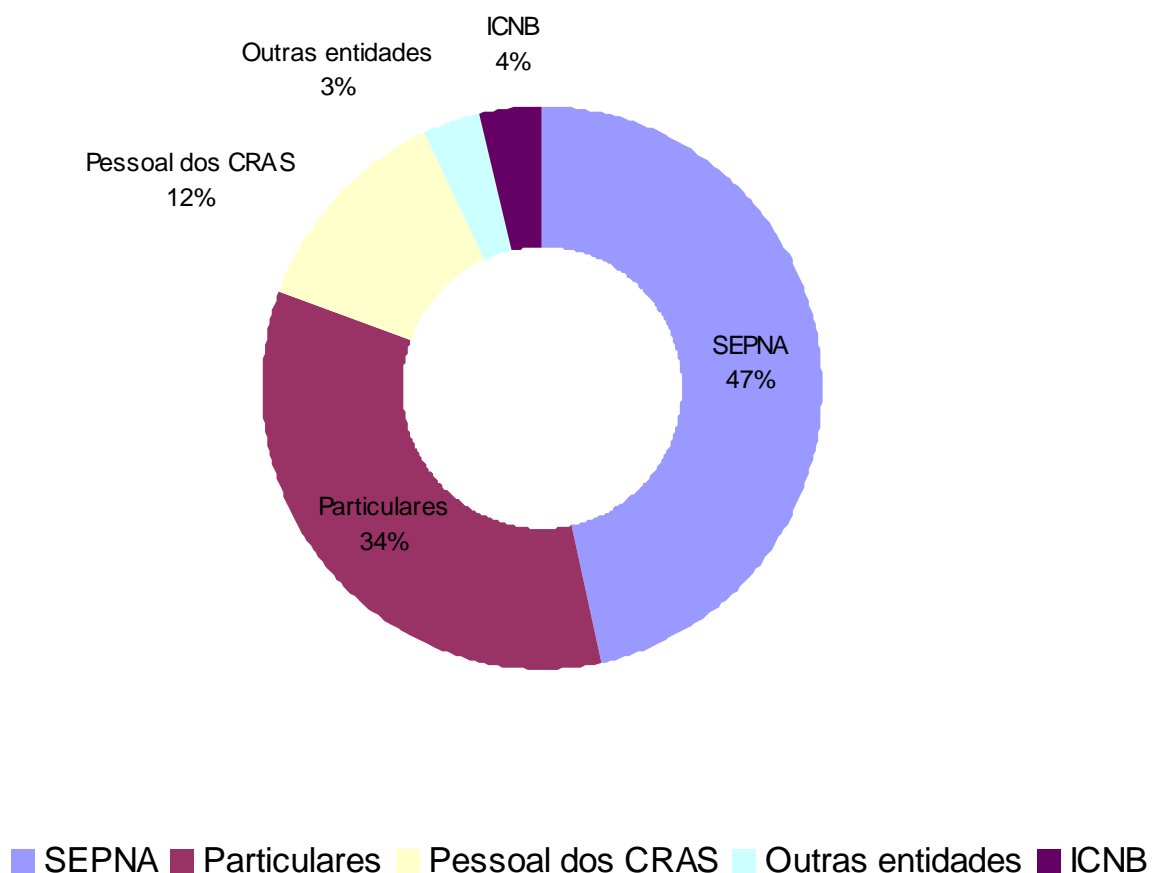


Fig. 9 - Entidades que entregam animais nos centros

No que diz respeito a proveniência geográfica em 2008 foram recebidos animais de dez distritos. A maioria dos animais ingressados era proveniente dos distritos de Castelo Branco, Setúbal, Beja e Lisboa.

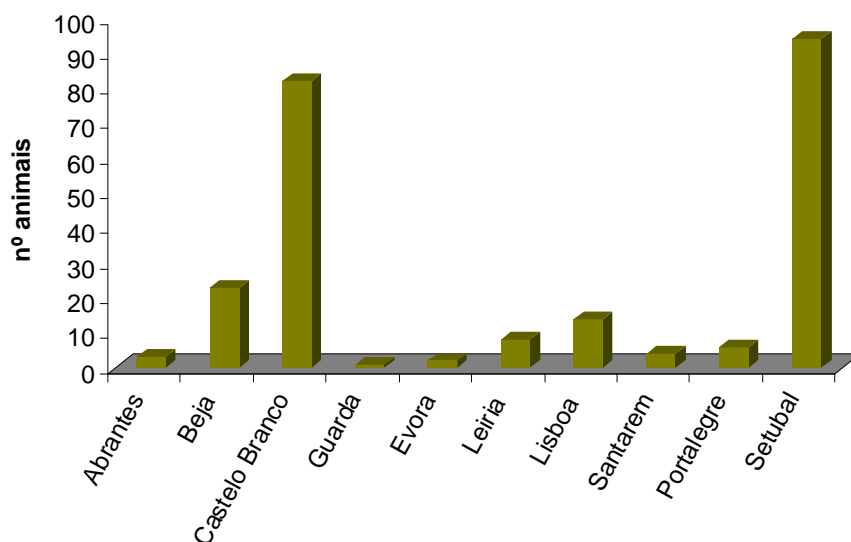


Fig. 10 - Proveniência de animais entregues por distrito

4.1.3. Espécies entradas

Em 2008 deram entrada nos centros animais pertencentes a um total de 67 espécies animais distintas. Tal como aconteceu em anos anteriores a maioria corresponde à classe das aves (Fig. 11), devido à facilidade da sua captura, quando debilitadas.

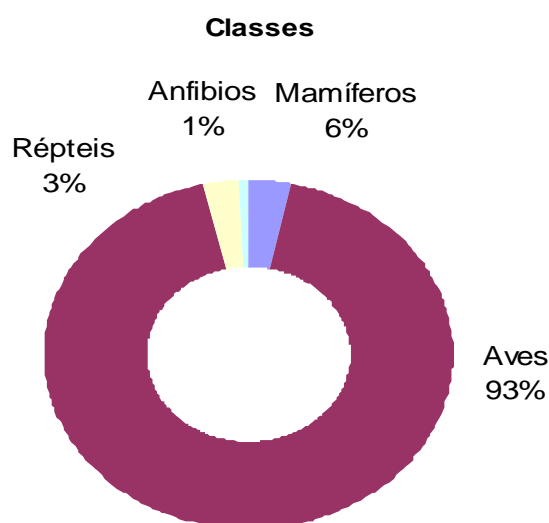


Fig. 11 - Percentagem de animais ingressados por classe.

De entre as aves destacam-se accipitriformes (rapinas diurnas), os ciconiformes (cegonhas) e os estrigiformes (rapinas nocturnas) (Fig. 9). No seu conjunto os animais pertencentes a estas três ordens perfazem 76% das aves entradas.

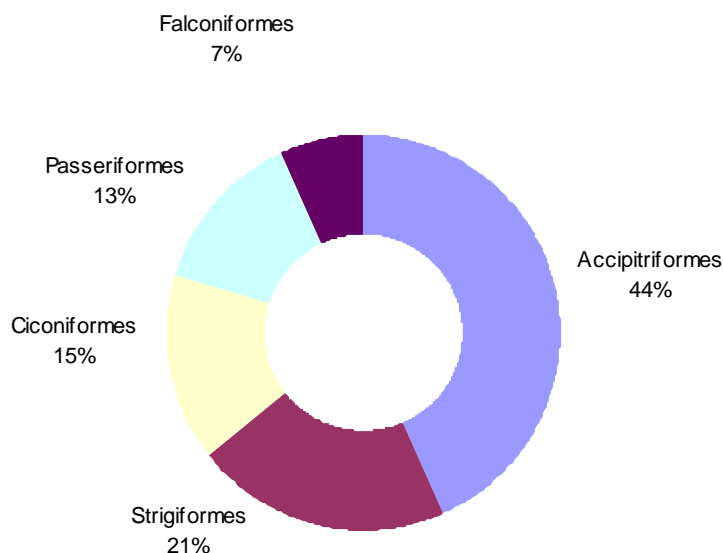


Fig. 12 - Percentagem de aves por ordem taxonómica.

Em termos de número de entradas por espécie de aves destacam-se o Grifo, a Cegonha-branca a Águia-de-asa-redonda, a Coruja-do-mato e o Mocho-galego (Fig. 15) com mais de quinze indivíduos de cada espécie ingressados.

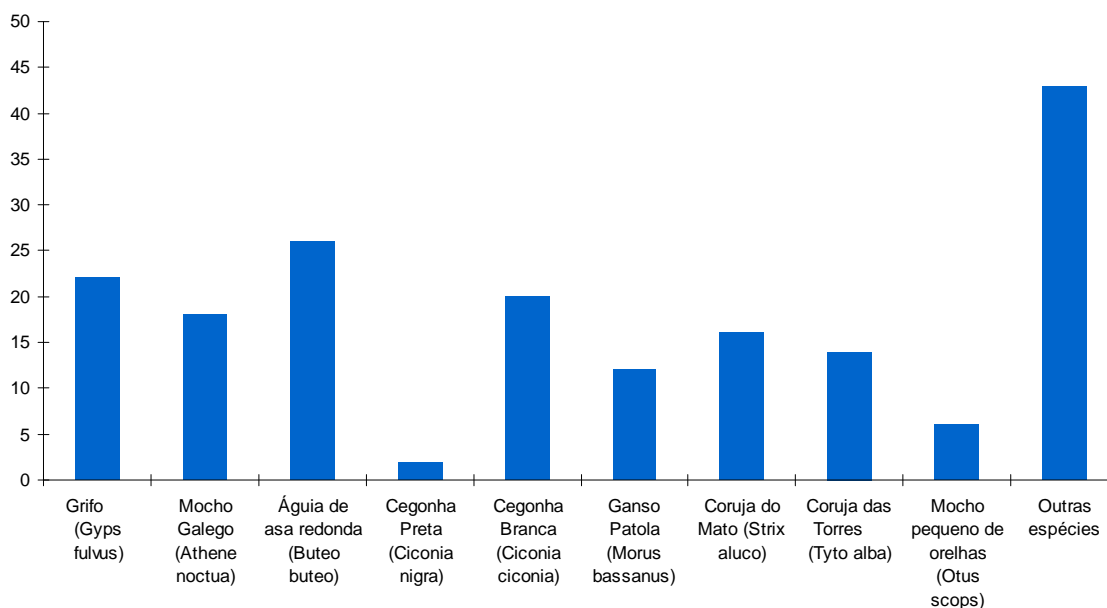


Fig. 15 - Número de indivíduos das espécies com maior número de ingressos nos CRAS

A segunda classe com maior número de animais que entraram nos centros foi a dos mamíferos com 6%. Dentro deste grupo destaca-se a ordem dos carnívoros, à qual pertencem nove dos catorze registos existentes para o ano em análise. Os mamíferos registaram assim 8 espécies, a Lontra, o Corço e o Ouriço-cacheiro, são alguns exemplos. Os répteis representaram 3% com espécies como o Cágado-europeu, Cágado-de-carapaça-estriada e a Cobra-de-ferradura. Os anfíbios com 1% com apenas uma espécie a salamandra-de-costelas-salientes (*Pleurodeles walt*)



Fig. 13- Corço em recuperação no CERAS



Fig 14- Lontra em recuperação no CRASSA.



Fig 16- Cegonhas Brancas no túnel de voo



Fig. 17- Corujas do Mato no túnel de voo.

Dos animais que ingressaram nos centros em 2008 há a salientar, do ponto de vista da conservação a recepção de 20 indivíduos pertencentes a espécies ameaçadas,

segundo o novo Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Cabral *et al*, 2005), correspondendo a 8% dos ingressos (Fig. 19). Na tabela 1 estão listadas as espécies com o estatuto em perigo e em perigo crítico, das quais se destaca o Abetouro (*Botaurus stelarius*).

Tabela 1. Espécies com estatuto de ameaça em perigo (EN) e em perigo crítico (CR)

Nome comum	Nome científico	Estatuto	Nº indivíduos
Milhafre real	<i>Milvus milvus</i>	CR	1
Abetouro	<i>Botaurus stelarius</i>	CR	1
Tartaranhão cinzento	<i>Circus cyaneus</i>	CR	1
Cágado de carapaça estriada	<i>Emys orbicularis</i>	EN	1
Tartaranhão caçador	<i>Circus pygargus</i>	EN	1
Pardela sombria	<i>Puffinus puffinus</i>	EN	1

Estatuto de conservação

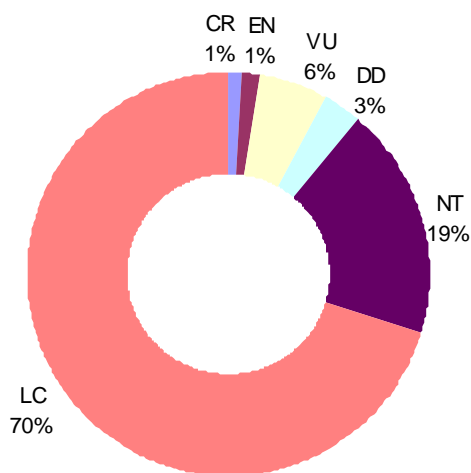


Fig. 19 - Percentagem de animais por estatuto de conservação. CR - Em perigo crítico (*critically endangered*); EN - Em perigo (*endangered*); VU - Vulnerável (*vulnerable*); NT - Quase ameaçado (*nearly threatened*); LC - Pouco preocupante (*least concern*); DD - Informação insuficiente (*data deficient*).

Na categoria de Vulnerável ingressaram nove espécies com o estatuto de vulneráveis como a Cegonha Preta (*Ciconia nigra*), o Falcão abelheiro (*Pernis apivorus*) ou o Alacaravão (*Burhinus oedichnemus*).



Fig. 20- Libertação de uma cegonha preta



Fig 21- Cágado de carapaça estriada

Dos restantes animais recebidos, a grande maioria pertence a espécies com o estatuto “pouco preocupante”, pelo que a devolução destes espécimes à Natureza não é relevante para a preservação das respectivas espécies. No entanto, para além da questão ética da recuperação destes animais, a sua libertação constitui uma excelente ferramenta de educação ambiental e investigação aplicada.

4.1.4. Causas de entrada

Em 2008, e à semelhança do que aconteceu em anos anteriores, a queda do ninho foi a principal causa de entrada (Fig. 13). Em segundo plano surge a entrada por debilidade seguida por disparo, atropelamento e envenenamento.

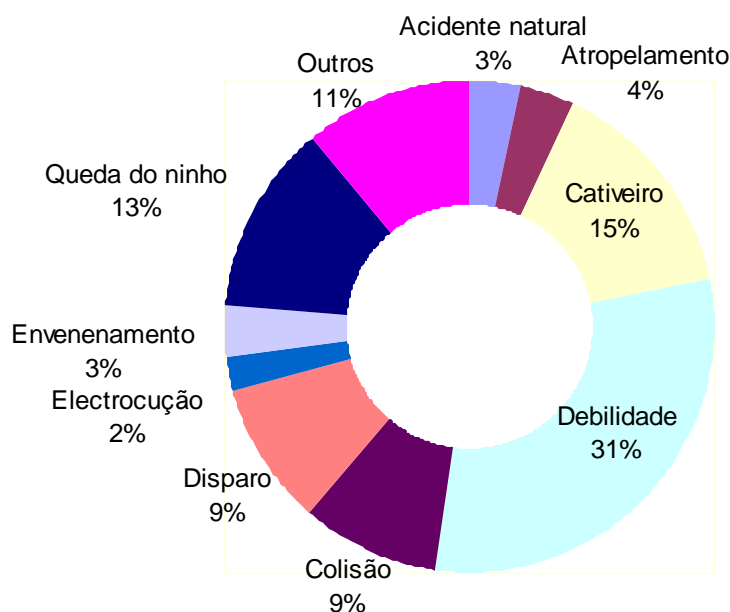


Fig. 22 - Causas de entrada

- **Queda do ninho**

É frequente as crias de aves caírem do ninho, antes de poderem voar convenientemente. Este acontecimento poder fazer parte do processo de aprendizagem de voo ou constituir um acidente, quando tal acontece em fases muito precoces do seu desenvolvimento. Em ambos os casos as aves deverão ser recolocadas no ninho ou na sua proximidade, deixando-as ao cuidado dos progenitores. Se tal não for possível as crias ficam no centro até ganharem autonomia e só então são libertadas. De forma a evitar o surgimento de comportamentos anómalos o contacto de humanos com as crias tem de ser minimizado e favorecido, se possível, o contacto intra-específico (entre animais da mesma espécie). A taxa de libertação de crias é bastante elevada (69%) e geralmente a libertação só não acontece quando a queda do ninho provoca lesões na ave.

- **Desconhecidas**

Dadas as condições de recolha dos animais em muitos casos não é possível determinar a razão de ingresso no centro, sobretudo quando os sintomas que apresentam não são suficientes para determinara a causa de ingresso.

- **Atropelamento e colisão**

Os atropelamentos e colisões com infra-estruturas humanas (linhas eléctricas, edifícios, cercas) são responsáveis por muitas entradas e a gravidade das lesões associadas a estas causas de entrada resulta em taxas de libertação muito baixas (24 e 33%, respectivamente).

- **Debilidade**

Alguns animais dão entrada por elevados níveis de cansaço, associados a subnutrição e desidratação. Estas situações verificam-se, em especial com animais jovens, nos períodos de dispersão e migração (final do Verão e Outono) e afectam algumas espécies em particular, como é o caso dos Grifos. Em muitos destes casos, descanso e alimento são suficientes para a recuperação. A taxa de libertação de animais debilitados é elevada (75%).

4.1.5. Resultados da recuperação

Em 2008, deram entrada 11 animais já cadáveres e nove transitaram para 2008, ainda em tratamento. Dos restantes, 46% foram recuperados com sucesso e libertados, 48% morreram e 3% foram eutanasiados (Fig. 14).

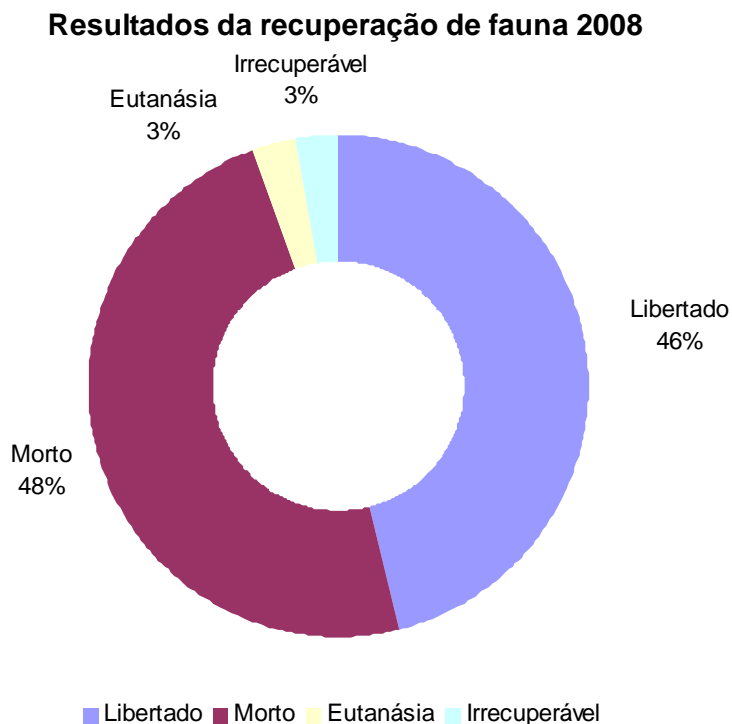


Fig. 23 - Resultados da recuperação, excluindo animais que entraram mortos e que permaneciam em tratamento no final do ano

Analisando a taxa de recuperação em cada centro, verificamos que o CERAS obteve uma taxa 66%, o CRASSA 37% e o CRAS 23%. As diferenças estão relacionadas com algumas especificidades de cada centro. Por outro lado com as causas de entrada dos animais, no CERAS uma percentagem significativa (21%) é juvenil, cujo processo de recuperação tem maior taxa de sucesso. E por outro lado, com as espécies que dão entrada em cada centro, por exemplo no CRASSA ocorreu grande mortalidade de Ganso-patola, uma espécie que é difícil de manter em cativeiro.

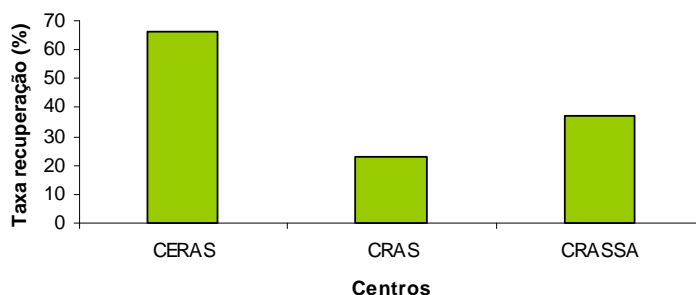


Fig.24 - Resultados da recuperação por centro

5. Formação e educação ambiental

Foram desenvolvidas diversas acções visando sensibilizar e consciencializar a população para a conservação da Natureza. Estas acções decorreram na sua maioria associadas à libertação de animais recuperados nos Centros e consistiram em saídas de campo para devolução de animais ao seu habitat e diversas palestras, tendo envolvido 520 participantes. Foram ainda realizadas acções de formação para voluntários e agentes da autoridade e responsáveis pela recolha e manuseamento de fauna selvagem.



Fig. 17 - Acção de educação ambiental, libertação de uma coruja das torres. (esta foto não ilustra uma acção de educação ambiental, é melhor uma com criancinhas...)

6. Investigação

Procurando contribuir para a investigação aplicada à conservação da Natureza os centros tem participado em diversos projectos. Em 2008, os centros geridos pela a Quercus colaboraram nos seguintes projectos:

- “Impacto das linhas eléctricas na avifauna” - Resultante de um protocolo entre Quercus, Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), ICN e Energias de Portugal (EDP)

- Programa Antídoto Portugal - Promovido pela Quercus, Grupo Lobo, Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens (FAPAS), Liga para a Protecção da Natureza (LPN), ICN e Centro de Estudos da Avifauna Ibérica (CEAI), pretende conhecer e combater o uso ilegal de venenos em Portugal.

-Colecção de Referência de Ossos do Laboratório de Arqueo-zoologia do Instituto Português de Arqueologia (IPA) - Este instituto está a estabelecer uma colecção de referência dos ossos de vertebrados autóctones de Portugal. Os CENTROS têm colaborado ao nível de recolha, identificação, sexagem e envio de amostras.

-O projecto “Lontras em Liberdade” prevê conciliar a recuperação das lontras com a oportunidade de dar a conhecer a fauna selvagem portuguesa e alguns dos seus habitats. O Centro de Recuperação de Animais Selvagens de Santo André construiu um espaço com condições para acolher exemplares de lontra (*Lutra lutra*) em recuperação, onde serão monitorizadas e preparadas para a libertação definitiva em habitat natural. Neste espaço, as lontras serão inseridas num ambiente semi-natural fechado e acompanhadas até estarem preparadas para sobreviverem em liberdade.

7. Bibliografia

Cabral M.J. (coord.), J. Almeida, P.R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J.M. Palmeirim, A.I. Queiroz, L. Rogado & M. Santos-Reis 2005. **Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Peixes Dulciaquícolas e Migradores, Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos.** Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Dias, C. e Infante, S. 2003. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco - Relatório técnico. Resultados de 2002.** Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. e Silva, R. 2001. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco - Relatório de 1999-00.** Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. 2004. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco - Relatório técnico de 2003.** Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. e Martins, M. 2005. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco - Relatório técnico de 2004.** Castelo Branco. Relatório interno.

Lima, R. 2006. **Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco - Relatório de actividades 2005.** Castelo Branco. Relatório interno.

Martins, M. 2000. **Importância dos Centros de Recuperação para a Avifauna Selvagem.** Relatório do trabalho de seminário do Curso de Engenharia de Ordenamento dos Recursos Naturais da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Castelo Branco. Documento não publicado